



O que nunca foi mostrado: experimentos arquivados

What was never shown: archived experiments

Dra. Luise Weiss

Como citar:

WEISS, L. O que nunca foi mostrado: experimentos arquivados. *MODOS. Revista de História da Arte*. Campinas, v. 2, n.1, p.246-258, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/1034>>; DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v2i1.1034>

Imagem: Vista da exposição *Labirinto e Memória: A Poética Visual de Luise Weiss*, na Caixa Cultural São Paulo. Curadoria de Luise Weiss e Sérgio Pizoli, 2017. Fonte: <https://arteesteticaecritica.wordpress.com>

O que nunca foi mostrado: experimentos arquivados

What was never shown: archived experiments

Dra. Luise Weiss*

Resumo

O presente relato aborda questões de experimentos realizados com fotografias, abrangendo o período de doutoramento (1997) até o tempo presente. Estes experimentos trouxeram dúvidas, indagações e muitos ficaram arquivados numa caixa de papelão no ateliê, esquecidos. Tratavam-se de experimentos com material fotográfico, matéria-prima do trabalho artístico: o que fazer com este material de épocas variadas, fotografias familiares, fotografias de autoria própria? E: o que estas experiências poderiam revelar neste momento presente?

Palavras-chave

Esquecimento; memória; experiência; fotografia.

Abstract

The present essay addresses experiments performed with photographs, covering my doctoral period (1997) up to the present time. These experiments brought doubts, inquiries, and many of them were left in a cardboard box in the studio, forgotten. They were experiments material of varied times, family photographs, photographs of my own authorship. And what could these experiences reveal in the present moment?

Keywords

Oblivion; memory; experience; photography.

I. Introdução

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas (Yi-Fu Tuan, 2013).

Há um problema que o artista, o filósofo e o crítico têm que enfrentar: a relação entre a permanência e a mudança (Dewey, 2010).

Ao contemplar o material registrado das fotografias arquivadas, um pensamento logo surgiu: tratava-se de experimentos frustrados que, muitas vezes, não foram levados adiante. Porém, surgiu um outro pensamento; seriam experimentos fracassados, já que ainda estavam arquivados numa caixa de papelão? Quais as questões ainda latentes e se poderiam ser retomadas...

Continuando o fio do pensamento, o que o artista escolhe para mostrar numa exposição? O que ele não mostra? E o olhar do outro, um colega, um curador, pode auxiliar nesta busca?

II. A Exposição da Caixa Cultural, junho de 2017

A exposição foi organizada e curada por Patrícia Motta, da Ymagos/Glatt, juntamente com Sérgio Pizoli, no espaço Caixa Cultural, em junho de 2017.

Por ocasião da montagem da mostra, separando o material, entre fotomontagens, pinturas, gravuras, Sergio Pizoli decidiu incluir na exposição algumas pequenas peças de sucata de madeira, da década de 1980. Algumas das peças, as que foram guardadas, no ateliê, foram separadas para a exposição. Inicialmente fiquei pensativa: a distância de tempo de criação entre as peças de sucata e os trabalhos recentes... se não seria estranho juntar épocas tão distantes?

Porém, ao observar a montagem da exposição, aquilo que parecia estar distante, pelo tempo, ficou próximo no espaço expositivo. O pequeno navio de sucata de madeira dialogando com a pintura do navio recente. Entretanto, quando realizei a pintura do navio, o pequeno navio de madeira estava longe da observação, esquecido. Estaria a imagem dele gravada na minha memória, sem que eu me desse conta? Ou como diz Yi-Fu Tuan, no livro *Espaço e lugar* sobre a perspectiva da experiência: “É impossível discutir o espaço experimental sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço” (2013: 167).

Através da escolha do curador Sérgio Pizoli, vislumbrei um fio condutor atravessando tempos e espaços do trabalho artístico.

III. O que nunca foi visto: experimentos e reflexões

Ao manusear continuamente fotografias antigas, uma questão sempre me acompanhou: como explorar questões da memória, do tempo? Como criar um corpo, uma forma com estes assuntos? E como estas

questões afloram num espaço expositivo? O público percebe estas questões? Elas são compartilhadas pelos outros? De que maneira?

O desafio não é apenas o experimento em si, mas também as qualidades estéticas. A plasticidade que emana, ou não, destas experiências, indica um percurso ou uma pausa para reflexão. Porém, na correria do dia-a-dia, do cotidiano, estes arquivos/fotos ficaram guardados numa caixa e esquecidos.

IV. Fotografias/Fogo/Água e Gelo: entre o desaparecer ou deixar vestígios

O manusear continuamente essas fotografias levantou reflexões, pensamentos: O que fazer com esta matéria-prima? Provocar desaparecimentos, apagamentos, no contato com a água, o gelo, o fogo, o que aconteceria?

Estes foram alguns pensamentos iniciais; depois segui a intuição, sem saber exatamente o que iria ocorrer e como registrar o acontecimento novamente pela fotografia. Ainda citando o livro de John Dewey, *Arte como Experiência*, há um trecho que chamou a minha atenção: “No desenvolvimento de um ato expressivo, a emoção funciona como um ímã, que atrai para si o material apropriado: apropriado por ter uma afinidade emocional com o estado de ânimo já desencadeado” (2010: 159).

Ou seja, estava claro para mim que não seria através de curiosidades, novidades, mas antes, sim, de pensar as fotografias no contato com os elementos da natureza, como fogo, água, gelo. Seguem algumas imagens.



1. Experimentos com fogo.

Utilizei cópias fotográficas, não originais. Ao aproximar o papel fotográfico à chama da vela, observei e vacilei. Não se tratava de queimar o papel, mas as figuras representadas. O calor da chama, incomodou, doeu...não segui adiante, guardei os chamuscados.



2. Semelhante ação ocorreu com a fotografia, no copo de água, deixada no congelador. A água congelou, cristalizou, a imagem desapareceu. Teria que esperar o descongelamento, porém, não era isto que me interessava. Igualmente, guardei estas fotografias congeladas, através de fotografias de autoria própria.



3. Retratos com sobreposições de chapas de Raio X, ou sobreposições dos retratos com reproduções, imagens do atlas de anatomia humana. Ao contemplar estas imagens, recuei: não gostei das sobreposições, eram explícitas demais, corpo físico e esqueleto. A morte ficou explicitada demais. Nada a acrescentar, apenas contemplar.



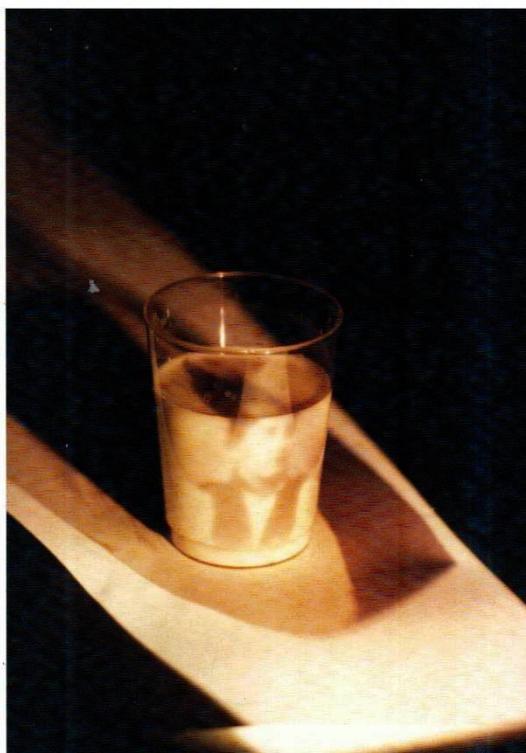
4. E o papel celofane, sobre a fotografia? Os reflexos da luz em alusão aos reflexos da água. Porém, igualmente, não trouxe nada a acrescentar. Observei e guardei as experiências.



5. Nos intervalos das aulas, quando possível, podia realizar alguns experimentos, como tentar projetar uma imagem num copo d'água. Nada aconteceu, pois, a água não segurava a imagem, esta transpassava o copo d'água, além da dificuldade de criar a ambientação e fotografar ao mesmo tempo.



6. Como a água não segurava a imagem projetada, substituí a água pelo leite. O leite, ou uma tinta branca, resolveu a questão da imagem projetada, segurando-a durante o tempo da fotografia. Momentos fugidios, difíceis de registrar.



7. Adquiri uma pequena máquina fotográfica efêmera, que possibilitava algumas fotos submersas. Foi um dia nublado, coloquei alguns objetos no fundo de uma piscina, e resolvi fotografar estes objetos. O clima e a água estavam frios, e não havia profundidade suficiente. Mergulhar era difícil, enquadrar e fotografar igualmente.



8. Neste mesmo dia, experimentei fotografar algumas cópias em papel, embaixo d'água. O papel sulfite rapidamente desmanchava, a experiência foi frustrante, entre a rapidez do evento e o ato de fotografar.



9. O Livro d'água que durou apenas um dia. Após diversas tentativas de colocar, de forma hermeticamente fechada, um saco plástico contendo uma fotografia plastificada e água, utilizei a cola quente/cola *Super Bonder*, etc. Quando finalmente consegui colar o saco plástico, e um colega me auxiliou tirando as fotografias, o que aconteceu foi o vazamento d'água. O experimento durou um dia apenas. Ficou apenas o registro fotográfico de um livro projetado.



10. Fotografias mergulhadas em água. Deixei algumas fotografias mergulhadas numa bacia de água, observando, durante dois ou três dias, o que iria ocorrer. Após este tempo, a película preta começou a descascar, expondo uma camada vermelha e outra amarela. As cores lembravam os processos alquímicos: vermelho, amarelo e preto, resultando em alusão ou metáfora. E a imagem da fotografia ainda permanecia intacta, atravessando as camadas das cores. Refleti sobre a contradição: aparecendo o vermelho e o amarelo, a semelhança com o fogo, através da ativação da água.



11. Tratava-se de um projeto de instalação no edifício do Banco do Brasil, antes da reforma, anos 1980. Diversos artistas realizaram projetos de ocupação do espaço. Após um período de dúvidas, designaram as janelas para a minha participação. Ao olhar pela janela, via-se as outras janelas, nas quais afixei cópias xerox de desenhos e algumas cópias xérox de retratos, olhando na minha direção. Fantasmagorias.



12. Projeção de imagens fotográficas sobre dobras de tecidos, ou papel amassado. Experiências visuais, levantando a questão do tempo e memória fugidios.



13 e 14. Sobreposições fotográficas. O projeto consistia visualizar retratos no meio de folhagens, chão, velhas paredes... As sobreposições foram realizadas no computador por Fabíola Notari. Contemplei os resultados: entre a nitidez absoluta, o surgimento do retrato ou o desaparecimento? Por momentos, o retrato foge, nos meandros das texturas. Como dizer a proporção certa, entre desaparecer e surgir?





15 e 16. Durante o workshop na China (janeiro de 2015), resolvi fazer *frottagens* nas superfícies xilográficas, nas sobras da madeira compensada. Como no período noturno deixavam rolos de impressão com tinta tipográfica trancados em armários, e como já tinha ultrapassado a minha cota de xilogravuras, comecei a tirar cópias com o processo da *frottagem*, ou seja, utilizando os grafites e o papel sulfite, decalcando as áreas gravadas. As *frottagens* xilográficas ficaram registradas num caderno de anotações e as matrizes ficaram na China. O que ficou registrado são as *frottagens* xilográficas, um gesto de arquivar e guardar as imagens gravadas.

Considerações Finais

De alguma maneira, ao olhar para estes arquivos, foram despertadas novamente as indagações: o desaparecer, o aparecer, vestígios de algo, não é o nosso destino também? O que significam estes vestígios de vidas que já foram? A nossa igualmente irá... E o que significa olhar os vestígios, vislumbrar passado e presente simultaneamente? O que será esquecido e o que será preservado?

Alguns dos experimentos poderão ser retomados, com novos olhares, novo fôlego. Outros permanecerão, como lembranças de experimentos, não serão alvos de exposições, porém fazem parte de uma trajetória. Um longo caminho de buscas e indagações através da expressão artística. Rever estes trabalhos, fruto de investigações sem certezas, porém na busca de uma visualidade, na qual a escolha das matérias-primas fica interligada à essa visualidade. Assim, finalizo, lembrando um trecho do livro *Espaços da Recordação*, de Aleida Assmann, onde ela diz, em relação à atuação de alguns artistas visuais contemporâneos:

Para eles não há mais nada a reconstruir ou mesmo reconstituir: deve-se tão somente recolher os restos, salvaguardar, ordenar e conservar os vestígios do que ainda sobrou de relíquias espalhadas. Esses artistas que trabalham com a memória não documentam, com seus trabalhos, os grandes feitos da lembrança que tratam da morte, mas fazem o balanço da perda (Assman, 2016: 386).

Referências

ALLOA, E. (org.) *Pensar a Imagem*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.

ASSMANN, A. *Espaços da Recordação*. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.

CAMARGO, I. *Gaveta dos Guardados*. São Paulo: Edusp, 1998.

DEWEY, J. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, P. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp 2017.

TUAN, Y-F. *Espaço e Lugar. A perspectiva da Experiência*. Londrina: Eduel 2013.

Nota

* Professora titular do Instituto de Artes da UNICAMP.

Artigo recebido em outubro de 2017. Aprovado em janeiro de 2018.